



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

EDSON BEMVENUTI

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-186

Entrevistado: Edson Bemvenuti

Nascimento: 05/02/1945

Local da entrevista: Biblioteca – ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Marco Antonio Ávila de Carvalho e Luciane Silveira Soares

Data da entrevista: 23/11/2010

Transcrição: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Total de gravação: 67 minutos

Páginas Digitadas: 22

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

BEMVENUTI, Edson. *Edson Bemvenuti (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; escolha da profissão, infra-estrutura da ESEF; disciplinas; turma graduada em 1970; envolvimento discente; federalização da ESEF; diretório acadêmico Paulo Hollerbach; professoras da ESEF; formatura da turma de 1970; movimento de estudantes de Educação Física

Porto Alegre, 23 de novembro de 2010. Entrevista com Edson Bemvenuti, a cargo dos entrevistadores Marco de Carvalho e Luciane Soares para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Começo lhe perguntando como foi o início de seu envolvimento com a ESEF e por que da escolha pela Educação Física?

E.B. – Inicialmente a minha tendência era a Engenharia, como eu acho que a grande maioria que veio naquela época – prestamos vestibular em 1968 -, todos eles vieram de outras áreas para a Educação Física. Alguns colegas que haviam tentado para Medicina, outros para... Inclusive, eu me lembro que em 1968 eles aumentaram o número de vagas. A procura foi muito grande. Eu não me lembro se era 40 ou 60 e passaram para 80. Era uma coisa assim. Eu sei que aumentou em 20 vagas o número, pois havia muita procura naquele ano justamente. E a nossa turma, é claro que não é tanto, é mais por tradição, disse que foi a turma que iniciou a nova era da Educação Física dentro da Escola de Educação Física de então. Inclusive, tínhamos uma turma mais parelha de homens e mulheres pois foi quando as mulheres começaram a participar mais. Então, tinha toda uma característica, vamos dizer assim, para que marcasse o início de nosso curso, o início de nossa atividade na área da Educação Física.

M.C. – O senhor teve apoio da família pela escolha do curso?

E.B. – Tive. Eu e meu irmão éramos desportistas. Sempre fomos: basquete, vôlei, natação, lá em São Leopoldo. E o meu pai¹ também era ligado a esportes. Foi juiz de futebol da Federação² durante muito tempo. Então, na hora que eu abandonei a Engenharia e levei a ideia de que queria ser professor de Educação Física, tive realmente apoio de pai, irmão e família. Meu irmão tirou Medicina depois, mas eu tirei então Educação Física e já havia tido até uma experiência anterior na qual eu era o treinador do time de basquete que nós fizemos na escola no ginásio. Eu me lembro que até o livro que eu adotei naquela época... - depois até procurei, pois umas das minhas especialidades depois no curso da Unisinos³

¹ Hélio Bemvenuti.

² Federação Gaúcha de Futebol

³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, localizada em São Leopoldo/RS.

foi basquetebol, onde dei aula de basquetebol - era o livro do “Kanela”, tio do Jô Soares⁴, Togo Renan Soares. Ele era um dos treinadores de basquete mais famoso porque, em 1959 ele era treinador onde nós fomos, pela primeira vez, campeões mundiais de basquetebol. Então, eu peguei o livro que era um bíblia. Vivia mexendo e fazendo treinamento com ele. Então, já naquela época de 1965, 1967, eu já tinha uma tendência a esportes. Eu gostava e ensinava os próprios colegas. Mas tinha aquela tendência para Engenharia. Depois que resolvi não fazer Engenharia eu vim para cá me inscrever. Até me inscrevi apurado. Eu cheguei na última semana de inscrição. O vestibular já era na outra semana. Daí entramos. E entrou toda aquela turma que eu falei, com aquela visão de si próprio de que era a turma que iria proporcionar uma mudança na Educação Física no Rio Grande do Sul. Até hoje ainda quando nos encontramos eles dizem isso: “A partir de nós que a coisa andou”. Então, aquela coisa toda.

M.C. – O senhor já entra na Escola com a sede aqui no Jardim Botânico. E como era a estrutura física?

E.B. – Muito parecida com o que tem agora. Quer dizer, essa parte daqui central. Aqui atrás tinha um campo de futebol que era onde nós passávamos a maior parte do tempo, matando aula e jogando futebol [risos]. Não tinha o LAPEX⁵, ali eram as quadras de tênis. E para lá só tinha o campo de futebol. Não tinha piscina nem nada. Então, era só uma área verde que tinha ao redor e a Escola nova ainda, centralizada aqui. Aqui em cima tinha as salinhas de esgrima que tínhamos na época e de boxe. Essas modalidades que foram saindo fora eram todas aqui em cima. E ali era um salãozão onde tinha as aulas teóricas. Então, todas as aulas para turma – naquele tempo era anual – era nesse salãozão onde cabia 40 ou 50 pessoas. A própria aula de Anatomia foi lá. Eu acho que foi só no último ano que começamos a ter umas aulas que até o professor⁶ contou no encontro aqui⁷, onde ele conseguiu levar a turma da Educação Física para o Laboratório de Anatomia da UFRGS⁸, quando, naquele tempo, ainda não havia sido ligado. Mas foi só no último ano que começamos a ter certa ligação com a estrutura da UFRGS.

⁴ Humorista brasileiro

⁵ Laboratório de Pesquisa do Exercício.

⁶ Referindo-se ao professor Arnaldo José da Costa Filho.

⁷ Referindo-se ao encontro que sua turma de formandos de 1970 realizou na Escola de Educação Física da ESEF/UFRGS no dia 06 de novembro de 2010.

M.C. – E as outras aulas práticas eram realizadas aonde?

E.B. – Todas no ginásio. Natação e remo eram fora daqui e as tivemos em tudo que é canto. Remo, sempre lá no GPA⁹, no Grêmio¹⁰, naqueles clubes que tem até hoje. Às vezes, até natação fizemos lá no Rio¹¹. Nós fomos para o Petrópole¹² que foi cedido. Nadamos lá no Gaúcho¹³ por causa do Mauri Fonseca¹⁴ que era ligado ao Gaúcho e era da nossa turma. Eu sei que nós íamos circulando nas piscinas e sempre tínhamos natação no início do ano, nos primeiros meses. Começava em março, e então era março, abril e terminava a natação. Uma vez eu lembro que eu e mais alguns colegas fomos submetidos a uma prova que tínhamos que fazer para terminar a natação e fomos deixando, até que passou abril, chegou maio e um frio danado. O professor botava o termômetro lá para ver qual era a temperatura da água e dizia: “Não. Dá para entrar”. E nós loucos de frio. Isso ali no Petrópole. E aí dissemos: “Espera um pouquinho, professor”. Então, fomos no bar e tomamos um conhaquezinho para esquentar [risos] e aguentamos fazer a prova com frio. Mas essa parte aqui era como é hoje. Acho que não tinha essa parte do fundo. Era só aquela da frente. Aqui onde nós estamos agora na biblioteca era o campo de futebol, onde passávamos a maior parte do tempo.

M.C. – E vocês chegaram a pegar o “tanque”?

E.B. – Nós pegamos a construção dele que eu acho que foi no penúltimo ou último ano. Eu tive um episódio nesse tanque que eu nunca me esqueço: eu era ligado a natação e o Mauri Fonseca que era o nosso mestre na natação na época - continua sendo até hoje conhecido com isso- -, foi me ensinar a virada olímpica que nós fazíamos em outras piscinas. Naquele tempo tua ias, virava todo o corpo e depois voltava. Depois que entrou a olímpica. Nós

⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁹ Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre - Em 28 de novembro de 1936, o Club de Regatas Porto Alegre (antigo Ruder-Club Porto Alegre) fundiu-se com o Club de Regatas Guaíba (antigo Ruder-Verein Germania), resultando o Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre, o GPA. Manteve-se como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21 de novembro de 1888) razão pela qual o GPA é considerado o clube de remo mais antigo do Brasil.

¹⁰ Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

¹¹ Referência ao Guaíba.

¹² Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

¹³ Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

fazíamos nas outras piscinas. Eu fui fazer aqui e era muito raso e arrastei o rosto no chão. O chão era cimento, não tinha azulejo nem nada. Só sei que eu senti aquele arrastão e quando eu botei a cara para fora os caras viram que estava tudo escorrendo sangue, pois eu tinha dado aquela lixada na cara, no famoso “tanque” que tinha ali.

M.C. – E como era o cotidiano, as aulas de vocês?

E.B. – Tinha aulas que gostávamos de ir e outras não. Tinha aulas que entrávamos e outras que víamos só a metade. Aquele tempo era assim: das 7:15 e até as 10hs da manhã eram as aulas teóricas e das 10hs até as 12:15 eram as aulas práticas. Fazíamos depois um intervalo. Nunca guria junto com guri, sempre separado as atividades das ditas aulas práticas e nós íamos para outras, futebol, basquete, era tudo separado. Não havia nada junto. Nós não tínhamos ginásticas. Já tínhamos a ginástica de aparelho, mas era os gurus que faziam e as gurias faziam separadas. Sempre foi separado, havia ainda essa tradição. Futebol nem se falava, vôlei as gurias gostavam de jogar. De vez em quando, nós fazíamos um misto, mas era uma ou outra aula propriamente dita.

M.C. – Havia disciplinas mais voltadas para as mulheres e outras mais para os homens?

E.B. – Sim.

M.C. – E as mulheres não faziam essas disciplinas mais voltadas para os homens e vice-versa?

E.B. – Não.

M.C. – Não havia nenhum interesse?

E.B. – Não. Sempre tinha algumas que gostavam. Na época tinha umas que demonstravam querer jogar um futebol junto conosco, um vôlei, um basquete. Mas, em termos de aula mesmo, como disciplina, não tinha junto. Senão me engano, na época pegamos algum

¹⁴ Mauri Fernandes da Fonseca.

voleibol juntos, mas o resto era homem para um lado e mulher para outro e só se misturava na hora do intervalo, no final.

M.C. – Como era o perfil da turma, dos alunos? Muita gente do interior? Faixa etária?

E.B. – Bastante gente do interior. A faixa etária, para a época, como hoje também, era de gente de mais idade. Alguns já tinham experiências em algumas outras áreas. Já tinham entrado em Direito e desistido, Engenharia e desistido, geologia e desistido. Então, a faixa etária era uma faixa, comparativamente a outros cursos, elevada. Toda a turma. Eu até pensei que era o mais velho por isso, mas não. Tinha gente três, quatro, cinco anos mais velho do que eu. Tínhamos um colega, o Reinaldo Salomão, que já havia terminado o curso de Direito, era delegado de polícia e veio fazer Educação Física. O Mauri Fonseca que, senão me engano, iniciou o curso de Medicina, trancou e veio fazer Educação Física. Então, alguns já tinham experiência em ter iniciado em uma área e depois vir para cá.

L.S. – Eles falavam porque tinham escolhido o curso de Educação Física?

E.B. – Nós falávamos muito sobre isso naquele tempo e eu levei isso em toda minha carreira de professor e depois na Unisinos¹⁵, na área da Educação Física, e antes da área, também na prática que nós tínhamos, o próprio universitário, aquele negócio de que sempre havia certa confusão de buscarmos aquilo que faríamos por prazer e divertimento, até me termos de saúde. Naquela época, não se via muita coisa assim do lado da saúde. Então, víamos que aqui a predominância era aquela: a turma alegre, a brincadeira, era jogar, de estudar muito. Até na época tinha como até hoje tem, vamos dizer assim, isso ainda é preservado, aquela imagem do professor e da professora de Educação Física como alguém que a parte intelectual não se desenvolve. Só se desenvolve músculo. Eu falo isso para os meus alunos lá na Unisinos e eles ficam me olhando. Isso, que vocês já estão numa era que já muito. Mas, antigamente, o profissional de Educação Física não pensava. Até hoje vocês devem passar por isso. Vocês andam por aí e dizem que tem Anatomia, os caras se admiram: “O que? Anatomia em Educação Física?”. Tem lá Psicologia, Sociologia... “Isso não existe em Educação Física. Para que? Para ensinar os outros a jogar bola, não preciso disso”.

L.S. – Nessa época, o senhor acredita que era devido a que esse comentário, essa visão?

E.B. – Da própria formação. Eu acho e sempre digo isso e passei o tempo todo dizendo: os grandes culpados são os próprios profissionais. Eles mesmos é que criaram isso. Aqueles célebres professores que davam a bola para o aluno jogar é quem fizeram essa fama e isso não veio como, vamos dizer assim, um dito popular. Isso veio porque era feito assim. Eu sei disso porque eu trabalhei dezenove anos no Estado¹⁶. Eu fui diretor de escola de periferia do Estado. Então, realmente era assim. Dava a bola e dizia: “O que vocês querem jogar? Então, vão jogar”. Ficava um pouco ali e daqui a pouco ia para sala tomar cafezinho. Nos 1970, principalmente por causa daquele “boom” do esporte que deu, se a escola tivesse uma boa participação no campeonato estadual estudantil, aquela coisa toda, que a própria Secretaria de Educação promovia, estava bem, não precisava de mais nada, tinha um time bom. Então, a Educação Física estava preservada e famosa porque a escola tal tinha um time bom. Mas, de resto, não havia preocupações. Então, eu sempre digo que isso é da formação e sempre digo também que o que se nota é que, nesses quarenta anos que tivemos, a mudança dessa visão do próprio profissional não foi muito grande. Ela deveria ter sido muito maior. Hoje, ainda continuamos dizendo: “Para aí. Tu vai fazer isso?”. Inclusive, no final do ano passado meu filho se formou em Educação Física. O mais moço. Eu me lembro que o paraninfo, meu colega, coordenador do curso de Educação Física da Unisinos, disse que quando ele falou para o pai dele que iria fazer Educação Física – o pai pensava que ele iria fazer Medicina – o pai recebeu um choque. Daí ele até perguntou, porque eu estava na mesa: “Professor Bemvenuti que hoje tem um filho aqui se formando, como é que foi o seu?”. Eu disse: “Não. Eu já fui prestigiado porque tinha pai e irmão desportistas”. Mas a imagem eu acho que foi criada, a culpa, vamos dizer assim, - se é que se pode chamar de culpa isso – é do profissional. Ainda é. Embora exista um esforço muito grande, ainda é. Na área da saúde também. Minha segunda formação é em Psicologia pela Unisinos. Então, aquele negócio: “Como é que tu vais ser psicólogo sendo professor de Educação Física?”, “o que tem a ver a Psicologia com a Educação Física?”. Tem tudo a ver e assim foi, porque não se admitia que um profissional da Educação Física tivesse nível intelectual um pouco maior, mais abrangente, comparativo aos outros da área

¹⁵ Universidade do Vale dos Sinos

¹⁶ Rede de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul.

da saúde. Essa imagem ainda perdura. Eu acho que cabe a vocês agora, já que estamos quase parando, de mudar isso aí. E vocês sabem disso. Vocês têm colegas ao lado de vocês quem vem para cá para se divertir, para jogar bola, para pegar o diploma, porque já estão fazendo alguma coisa. Já estão numa academia e acha que não precisa aprender nada. Já estão num clube e acha que não precisa aprender nada. E assim vai. Eu acho que umas das influências disso aí é justamente a própria sociedade. O que é o profissional de Educação Física na nossa sociedade? Ele é o Luiz Felipe¹⁷ que treina futebol, é aquela ex-atleta que tirou Educação Física, a Hortência¹⁸ que é do basquete. Agora, se tu pega alguém falando do movimento, dizendo o que se tem que fazer para prevenção ou educação de movimento para não chegar aqui, lá, vão dizer: “Não. Isso não é com vocês. Isso é com a Medicina, é com a Fisioterapia”. Fisioterapia que agora está correndo nas nossas pegadas. Então, esse profissional fica aonde precisa ter mais conhecimento na parte intelectual. Eu tenho algumas disciplinas que agora estou desenvolvendo no curso de Educação Física da Unisinos, como Desenvolvimento Motor, e fico perguntando para turma: “Ligando esse desenvolvimento motor com a própria formação da criança, nós podemos alfabetizar uma criança fazendo uma prática de voleibol com ela? Podemos auxiliar nessa alfabetização?”. Alguns ficam olhando e, quando eu digo que pode, apresento e mostro: “bota a letrinha no chão, faz isso, faz aquilo, sai da ‘a’ e vai para ‘b’, junta uma, outra”, eles dizem: “é, realmente dá”. É uma coisa que hoje deve, mas, vamos dizer assim, há alguns que se esforçam para puxar para um lado e uma maioria que se esforça para puxar para outro. A sociedade diz isso. Tem que ser bom em que? Quem é que é bom? Renato Gaúcho¹⁹. Eu dei uma entrevista para o “clicrbs”²⁰ por causa da Psicologia do Esporte, porque me indicaram na Unisinos como sendo um dos conhecedores da Psicologia do Esporte. Daí me entrevistaram com a chegada do Renato Gaúcho e eu disse que ele, na minha visão, era aglutinador, mas não um disciplinador. E o Grêmio, naquela hora, precisava de alguém que disciplinasse os seus atletas porque eles estavam muito atirados, botavam a culpa no treinador que havia saído. E ele respondeu, não sei se foi para mim, - foi na mesma época – em jornais dizendo que ele era o psicólogo do time dele. Foi nessa época aí. Eu fiz a

¹⁷ Luiz Felipe Scolari, técnico de futebol.

¹⁸ Hortência Maria de Fátima Marcari, ex-atleta de basquetebol.

¹⁹ Renato Portaluppi, ex-atleta de futebol e atual técnico do Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense.

²⁰ Referência ao site Clic RBS: notícias, esportes, jogos, vídeos, blogs e muito mais do RS e mundo”

entrevista para o “clic” e ele botou no jornal: “Eu sou o psicólogo”. E deu certo. Até quando eu não sei.

M.C. – E entraram na Escola muitos alunos trabalhadores, da turma?

E.B. – Tinha bastante gente que já estava trabalhando. Era o caso das meninas que a maioria era do magistério. Tem um episódio da época também que até hoje em dia se faz muita confusão: antigamente tinha a Licenciatura curta. Hoje tem gente que faz confusão quando abriu o Bacharelado dizendo que era a curta. Isso não existe. Bacharelado é Bacharelado e Licenciatura curta era aquela que tinha aqui, por tradição da nossa ESEF de então, que era do Estado, na qual as mulheres que tinham o magistério vinham para cá e faziam um ano de Educação Física Infantil. Ganhavam o certificado e poderiam trabalhar na escola. Daí elas faziam esse primeiro ano, já tendo magistério, já estando trabalhando na especialidade dentro da Educação Física, mas tinham o direito de entrar no segundo ano da licenciatura. Nós mesmos fizemos a campanha: “Não existe isso aí. Vamos terminar com isso. Quer fazer? Então, vai voltar e vai fazer o primeiro, o segundo e o terceiro ano de licenciatura” [riso], “não, mas nós já fizemos o primeiro”, “não faz mal. Vocês fizeram para Licenciatura curta. Agora tem que ir um ano a mais”. Brigamos bastante aqui, até que fizeram com que quem quisesse entrar tinha que, mesmo que repetisse conteúdo, entrar no primeiro ano da licenciatura. Aí começou a diminuir muito a procura. Elas vinham com essa intenção. Inscreviam-se na curta, já tinham o diploma, o certificado, entravam nos municípios, no Estado, e depois concluíam. Naquela época também tínhamos a Medicina Desportiva. Quem fez junto conosco – não lembro se foi no segundo ou no último ano – o Eduardo Henrique De Rose. Ele era da nossa turma. Não lembro qual ano ele fez, mas sei que eles faziam apenas um ano. Havia ele e mais três. Um desistiu e dois continuaram fazendo. O outro era sobrinho de um professor nosso. Era não sei o que De Canto²¹ e ele fez, mas não se dedicou. E o De Rose se dedicou e se vinculou à Escola também com as pesquisas dele. Mas é da nossa época. Eles jogavam conosco, faziam as aulas práticas conosco, as teóricas eles não faziam. Não precisavam fazer Fisiologia, Anatomia, pois eles já eram médicos. Didática eles não tinham interesse, pois não iam dar aula, e sim iam ser pesquisadores. Então, na realidade, eles vinham aqui para fazer as práticas e aí jogavam vôlei conosco - tínhamos provas de vôlei -, para ganhar nota naquela parte e daí a visão do

que era o médico desportista: era um médico que vinha para cá jogar e ganhava o diploma de Medicina Desportiva [risos].

L.S. – E era um ano só também como as mulheres do magistério?

E.B. – Sim. Não sei se aquilo servia como residência para eles ou não. Mas eu sei que eles ficaram por aí. No máximo dois. E quem criou isso tudo e organizou depois foi o De Rose.

M.C. – Professor, no dia do evento de vocês veio a Ana Maria²² que comentou que era a única negra da turma...

E.B. – Ela não era a única. Tinha mais um que já faleceu que é o Rui Barbosa da Costa. Ele era atleta de atletismo. Senão me engano, ele trabalhou durante muito tempo nas categorias de atletismo do Grêmio no tempo em que o Grêmio tinha. Depois ele teve uma morte até triste. Foi assassinado. Dizem que foi por atletas dele, ex-atletas, certa confusão aí. Mas ele foi atleta de atletismo. Era corredor, não lembro se era de velocidade ou resistência. Inclusive, até houve episódios com ele aqui que nós soubemos a respeito de racismo, no qual um professor demonstrou certo racismo aqui dentro. Tinha muito militar dando aula. Foi interessante para a união da turma: numa determinada aula, o Rui começou a perguntar algumas coisas porque ele se dedicava também ao futebol, e o professor - acho que não queria responder ou coisa parecida - se irritou e botou ele para fora da sala de aula dizendo: “Negrão, sai da sala de aula”. Naquele tempo, não era ofensa tão grande, mas, por ele ter expulsado e por ter levado para esse lado, foi uma coisa interessante. Quando ele meteu a mão na porta para sair o restante dos rapazes, acho que eram uns quinze, levantaram e saíram com ele. E viemos direto no diretor: “Olha, não assistimos mais aula com esse professor”. E foi aquela briga. Ele teve que fazer uma viagem, inventou uma viagem, e botou o monitor a dar aula. E a Ana provavelmente, pelas próprias colegas e não sei se por professor ou coisa parecida, deve ter sofrido alguma coisa. Agora, nós, homens da época, tem esse episódio marcante. Não sei se estavam todos na aula, se todos souberam, mas isso foi marcante. Nós fomos até o diretor, onde é o Diretório Acadêmico agora. Ali era a direção, a secretaria, era tudo ali. Não me lembro se era no final do curso, acho que sim,

²¹ Nome sujeito à confirmação.

²² Ana Maria Nascimento Eberle.

nós passamos a ter aula com um ex-aluno que era assistente dele. Foi um episódio bem pesado que teve. A maioria dos rapazes que estão por aí devem se lembrar.

M.C. – Seria só esse episódio ou o senhor se lembra de mais algum?

E.B. – Que eu me lembre só esse.

M.C. – E ao longo desses três anos ele ainda era o único negro na Escola ou havia outros nas outras turmas?

E.B. – Eu acho que, se tivesse outro, não aparecia tanto quanto ele, porque ele já era um atleta consagrado no atletismo. Veio para cá por ser atleta. Isso é uma marca da turma. Nós tínhamos o Mauri Fonseca que entrou em 1968 e em 1964 foi para a Olimpíada como nadador, nós tínhamos o Rui Barbosa da Costa que era ex-atleta e dever ter participado de brasileiro, panamericano. Então, tínhamos alguns atletas consagrados. Tínhamos até um que faleceu e era muito bom em voleibol, o Elmano²³. Ele é tipo índio, forte e até, de uma hora para outra, morreu de infarte sem saber que tinha um problema no coração. Ele era da ACM²⁴ na época que a ACM era muito forte em esportes. Foi conhecidíssimo. Então, tinha certa característica de atletas consagrados que vieram fazer parte da nossa turma. O Mauri era conhecido em qualquer lugar e estando aqui, para nós e para Escola, era uma coisa que crescia. E assim tiveram outros. Nós tivemos um agora aqui que nos encontramos depois de 40 anos que se dedicou ao ciclismo desde que entrou e até hoje com 70 anos se dedica ao ciclismo ainda, andando por aí. Então, era uma turma que tinha certa predominância de atletas. Pessoas que vieram de fora. Isso acontece muito no curso de Educação Física: vem jogador de futebol, de basquete, vem esse, vem aquele. Como eu disse antes, que passam pelo curso sem fazer o curso. Pegam o diploma no final, como já é famoso, já está numa atividade, só pega para dizer que tem o curso superior. E foi nessa época também que foi exigido, por exemplo, no futebol, ter um formado em Educação Física. Daí que começou a surgir o tal de fisiocultor, o preparador físico nas equipes de futebol. Para adequar a lei, eles pegavam formados em Educação Física e trabalhava na preparação. O treinador poderia ser ex-atleta como é até hoje. Essa exigência foi feita assim, mas, em

²³ Elmano Lauffer Leal.

²⁴ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

compensação, foi a maneira de que, nós mais especializados, começássemos a trabalhar na área do futebol. Nós tivemos o Reinaldo Salomão que foi preparador físico do Internacional²⁵. Nós tivemos um outro que começou no Grêmio, ficou famoso e trabalhou até fora do país, o Ithon Fritzen, que era também preparador físico. O Mauro²⁶, que vocês também entrevistaram, foi preparador físico do Internacional, trabalhou com o Reinaldo Salomão. Eu também trabalhei como preparador físico lá na minha terra, no Aimoré²⁷, no Novo Hamburgo²⁸. Isso em 1971, logo depois de formado. Trabalhei lá e já tinha essa abertura que estava começando nos anos 1970 por causa da nossa vitória na copa do mundo, o tri-campeonato. Daí o Cláudio Coutinho²⁹, que na época foi o cara que, vamos dizer assim, fez a primeira tentativa histórica no futebol de introduzir ciência lá dentro. Pode-se dizer que foi ele que organizou a parte física. Depois tentou ser treinador. Inclusive, ele esteve aqui dando uma palestra para nós sobre preparação física. Foi quando deu o “boom” da preparação física de todas as áreas do esporte. Nós tínhamos um professor aqui que fazia preparação física para cavalo no prado. Dava treinamento para os cavalos e dizia que os cavalos rendiam melhor. Não é de se duvidar [risos].

M.C. – E o seu envolvimento com o Diretório Acadêmico?

E.B. – Isso foi interessante. O Rui Krebs³⁰, que é conhecido na Educação Física e está em Florianópolis agora e criou em Santa Maria, era um ano anterior a nós, se formou um ano antes, era presidente do Diretório Acadêmico. Chegou um dia na nossa sala e disse: “Temos que fazer eleição para o Diretório Acadêmico e tem que ter alguém do segundo ano que assuma porque eu estou saindo e não posso mais ficar”. Daí nós conversamos. Um dos grandes líderes da nossa turma era o Mauri na época, mas o Mauri não quis. Daí ele me indicou para que eu assumisse e a turma topou também, porque também tinha certa liderança no grupo. Não me lembro se foi em 1969 ou 1970, mas acho que foi em 1969, porque a gestão era em dois anos (1969 e 1970). Então, conversamos com as gurias, a turma do segundo ano, do primeiro, e assumi. Daí começou, no final de 1969, início de

²⁵ Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

²⁶ Mauro Marczwski.

²⁷ Clube Esportivo Aimoré, fundado em 26 de março de 1936 na cidade de São Leopoldo/RS.

²⁸ Esporte Clube Novo Hamburgo, fundado em 1º de maio de 1911 na cidade de Novo Hamburgo/RS.

²⁹ Cláudio Pecego de Moraes Coutinho.

³⁰ Rui Jornada Krebs.

1970, aquela busca pela Federalização³¹ para passar para UFRGS. Veio e a pressão aumentou e aí começaram: “É a oportunidade melhor porque fulano, deputado tal, era ligado...”- acho que era o Emílio Garrastazu Médici³² presidente, militar que era ligado com ele – “nós conseguimos, está fácil de conseguir, essa é a hora”, e aquela coisa toda. Entramos nos anos 1970 com força total para logo se resolver isso. Existia, na época, isso ninguém pode negar, tanto pelos alunos quanto pela própria Reitoria, - eu sabia porque conversei com a turma toda, Reitor, Vice-Reitor, conheci o Médici por causa disso, fui lá fazer um pedido para ele fazer uma assinatura para a coisa andar – havia certa resistência da UFRGS acolher a Educação Física porque, por tradição, a Educação Física era um curso técnico, antigamente. Depois passou para Escola Superior e esse nosso “ESEF” que temos aí é justamente por isso: frisar o Superior. Então, como iriam trazer a Educação Física? Só iria desprestigiar os outros cursos. Tinha certa resistência tanto por alunos como pela própria Reitoria e professores. O Reitor era o Eduardo Faraco³³ e o Vice-Reitor era o professor Furtado³⁴ que era marido da Dercy Furtado³⁵ que teve uma época que foi deputada, depois até se separaram e foi muito falado esse negócio da separação. Com ele que eu falava mais. Enquanto isso, o que eles queriam saber – isso que é interessante – qual a tendência política da Educação Física e do Diretório Acadêmico. Então, naquela época o fervo era muito grande. Vinha a turma de esquerda e conversava e eu: “Não. Eu fecho com vocês. Eu sou de esquerda”. E vinha a turma da direita e eu já tinha tratado isso com todo mundo, que eu tinha que agradar todo mundo para nós ingressarmos na UFRGS. Tanto faz se é da esquerda ou da direita, nossa intenção era ser aceito. Era interessante porque tinha três diretórios que eram da esquerda e três diretórios que eram da direita. Então, conforme a entrada da Educação Física, ia para um lado ou para outro. Então, por isso que eu prometia uma vela para cada santo para a coisa andar. E isso, quando eu prometia, prometia conversado com o diretor que então era o Fredolino Taube³⁶. Eu dizia para ele: “Olha, nós temos que cuidar por causa da nossa tendência política e coisa”. Embora guri e acompanhei, eu era brizolista da época de 1962, da legalidade, aquela coisa toda, mas na hora tive... E muito aconselhado também pelo meu professor de basquete que era advogado também e que dizia: “Faz isso, faz aquilo, cuidado, não faz aquilo”. Quando

³¹ Processo pelo qual a ESEF é incorporada à UFRGS.

³² Ex-presidente do Brasil (1969-1974).

³³ Eduardo Zaccaro Faraco. Ex-Reitor da UFRGS (1968-1972).

³⁴ Jorge Alberto Furtado.

³⁵ Parlamentar gaúcha.

deu o rolo maior, por aconselhamento dele, eu me demiti do Diretório para garantir as coisas, para não precisar ter uma posição política. Daí então a coisa foi andando. Professor Cleomar³⁷ então era advogado e muito amigo meu, até me convidou para continuar dando basquete aqui como assistente dele depois e já ser enquadrado na UFRGS sem exame nenhum. Foi uma das bobagens que eu fiz na vida. Achei que devia de me dedicar a Unisinos. Então, era o Cleomar que nos aconselhava. Então, fomos levanto a coisa assim sem decisão. Casualmente aconteceu na época logo que federalizou, onde eles assinaram – foi início de 1970 – o presidente do DCE³⁸ foi perseguido e se sumiu. Maraci³⁹ era o nome dele. Era uma família tradicional, tinham uma fábrica de sabão, senão me engano. Eu não sei se ele anda por aí ou não anda, mas, na época, eu sei que ele se sumiu. Tem gente que diz que ele foi assassinado, que fugiu e não voltou mais. Então tem essa história toda. Daí eu era presidente do conselho dos diretórios acadêmicos da UFRGS. E, como eu era presidente, eu tinha que, por durante algum tempo ou até que fosse eleito, assumir a direção do DCE.

L.S. – Isso depois da Federalização?

E.B. – Isso. Assumi a direção do DCE. Nós ainda estávamos em estudo. Já havia sido assinado, mas tinha que ter cuidado. Eu nunca me esqueço que eu fui dirigir uma assembleia geral lá em cima do antigo R.U.⁴⁰, ali na Osvaldo⁴¹. Eu estava lá dirigindo, vendo se era necessário fazer eleição. Tinha uns que queriam que eu, como presidente do conselho, continuasse na gestão como presidente do DCE. Eu não queria, porque queria me afastar desses rolos todos. Fui dirigir a assembleia geral e estava assim a coisa. Diziam que existia infiltração de comunista que vinha da China se matricular e fazer isso, aquilo. Daqui a pouco estávamos nessa assembleia geral e alguém disse: “Olha, a polícia, o choque, está aí”. Daí foi aquela coisa: espalha para cá, espalha para lá, pula pela janela. Eu não conhecia nada. Daqui a pouco um mais veterano da diretoria me pegou pelo braço, abriu no palco um alçapão, e eu, ele e mais uns quatro ou cinco, entramos e ele fechou aquele alçapão. E começamos a andar. Daí tinha aquela rua que era paralela e tinha a

³⁶ Fredolino Adalberto Ricardo Taube. Ex-diretor da ESEF (1970-1971).

³⁷ Cleomar Antônio Pereira Lima.

³⁸ Diretório Central de Estudantes.

³⁹ Nome sujeito à confirmação.

⁴⁰ Restaurante Universitário.

CEPAL⁴², que um local que vendia livro, muito famoso. Então, saímos daqui, pegamos o corredor e saía do lado da CEPAL justamente para fugir dos policiais. Daí eu pensei que daqui a pouco eu iria levar um tiro, ia ser preso, e isso, além de incomodar, pode repercutir na nossa Federalização. Quer dizer, já tinha sido autorizada, mas poderia ser desautorizada. Então, conversei com o Fredolino, com o Cleomar, e ele disseram: “Olha, a melhor coisa para tu não te responsabilizares por essa ou aquela tendência, te demite”. Daí eu me demiti. Demitindo-me como presidente do Diretório Acadêmico automaticamente eu perdia o cargo de coordenador do conselho e não poderia assumir o DCE. E o meu vice não queria ir para lá, não ia ser presidente do conselho. Ia fazer parte, mas não ia presidir. Então, não precisava chegar ao DCE. Fizemos essa articulação para dar garantia, porque, realmente, a coisa não foi assim decisiva. Estava sendo estudada e aprovaram. Depois, em meados de 1970, é que a coisa se oficializou. Por isso que nós temos toda essa fama que nos engrandece em dizer que somos a primeira turma da UFRGS. A coisa começou em 1969 e foi se oficializar na metade do ano de 1970. Então, somos realmente a primeira turma por isso, pois aconteceu nesse final. Mas teve esses episódios. Quando pegamos hoje aquele projeto PPP (Projeto Político Pedagógico) de um curso, eu fico pensando: “Em alguns tempos isso aí dava cadeia, dava isso, aquilo” [riso]. Hoje em dia, tem que ter. Então, esse foi um episódio muito grande do Diretório Acadêmico. E o Diretório Acadêmico também proporcionou para eu, para o vice-presidente e para o tesoureiro, Reinaldo Salomão, e o José Carlos Fontes Cacique, um curso na Argentina, que era um curso da Ginástica Desportiva Generalizada, que estava sendo tocada no mundo toda. Ela foi muito famosa nos anos 1970 e o inventor, o criador dela foi Listello⁴³, um professor francês famoso. Então, ele ia para a Argentina e alguns representantes tinham que ir lá para ver essa nova... Fomos para lá fazer esse curso em Mar del Plata, a custa do Diretório. E foi realmente uma proposta revolucionária desse cara, porque dali saiu durante os anos 1970 todas as sessões de atividades físicas generalizadas. E foi oficializada no Brasil, principalmente aqui no Rio Grande do Sul. Eu me lembro quando nós registrávamos nos cadernos, só botava lá [palavra inaudível] e qual era a predominância, porque sempre tinha no final, ou na metade, a parte principal da aula que era o desporto. Então, tu fazias o aquecimento, fazia isso, fazia aquilo, mas a parte principal tinha que ser o desenvolvimento do desporto. Tu começavas com vôlei, ficava um mês com vôlei, um mês com basquete. Hoje, quando se

⁴¹ Avenida Osvaldo Aranha.

⁴² Cepal Livraria e Papelaria Porto Alegre.

discute os métodos, esse parece que não está sendo muito falado ainda, porque não seu o que houve, porque houve certa resistência, mas foi oficial. Eu me lembro que nos cadernos de chamada era obrigado botar “sessão de atividades físicas generalizadas”.

L.S. – Então, o Diretório Acadêmico tinha um diálogo muito constante com a direção da Escola.

E.B. – Sim e muito bom, muito aberto. O Fredolino Taube era um tipo alemão, professor de tênis, mas ele dizia: “Não, vocês têm que ajudar, senão não sai”. Então, estava toda hora preocupado.

L.S. – E essa discussão da Federalização começou muito antes então?

E.B. – Sim. Bem antes.

L.S. – Já com o outro diretor...

E.B. – Eu não sei se o outro diretor chegou a pegar. Eu não me lembro. Mas claro que tinha. Isso sempre se falava: “Nós temos que ir para a UFRGS”. Naquela época as coisas se realizavam mais por apadrinhamento ou “Q.I.” (Quem Indica), e até hoje funciona, do que qualquer outra coisa. Não sei se foi em 1969 ou 1970 que deu certa abertura para se ter um apoio direto da Presidência da República. Eu conheci o Garrastazu por causa disso. Eu fui junto numa audiência com ele para pedir, para explicar o que era a Escola, que, em termos de instalações, já tinha tudo para ser uma grande Escola e que só precisava oficializar. Era quase um campus igual ao da UFRGS ali do centro. Daí foi realmente porque houve alguém – eu não me lembro quem – ligado ou a chefia de gabinete, a presidente ou alguma coisa, algum ministro, alguma coisa desse tipo que tinha. Nós tínhamos, eu não me lembro se foi nele ou foi outro, que tinha até um contemporâneo de São Leopoldo que já estava trabalhando, o Arnaldo Pietro, que foi ministro depois. Então, tinha sempre um gaúcho ligado. Eu acho que foi essa oportunidade que fez com que a coisa se consagrasse. As coisas lá se resolviam ligeiro. Se houve assinatura do homem,

⁴³ Auguste Listello.

abriu todas as portas e ninguém mais dizia ao contrário. O presidente assinou e agora cumpra-se... [toca o telefone].

[INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO]⁴⁴

L.S. – Aí federalizou. Que sentimentos... Para ti deve ter sido um pouco diferente dos outros...

E.B. – Sim. Eu estava a par de tudo. Os outros não participavam muito. Politicamente, a turma da época, era mais alienada do que qualquer outra coisa. Era difícil de lidar. Eu me lembro que a maioria queria que eu fechasse com a turma da direita. Eram poucos que chegavam e diziam: “Não...”. Mas como o peso já não era tão ideológico e sim de se concretizar a proposta nós ficamos. E era pesado naquele tempo tu teres uma decisão de ser de esquerda. Isso significava ter um carimbo pelo resto da vida. Eu já vinha de política estudantil lá do secundário, já tinha certo conhecimento. Particpei em 1964, contra, é lógico, mas não adiantou. Depois, quando vim para cá, já vim com essa proposta. Mesmo eu assumindo e depois vindo a notícia que vai federalizar... Eu nunca me esqueço que assim que eu assumi o diretor me chamou no gabinete dele: “Olha, tu cuida porque vai agora dar a Federalização. Tu cuida o que tu falas, o que fazes, tu cuida para que lado tu tende, porque disso depende a Federalização. Se sair por aí dizendo que tu és de esquerda, fechou. Não tem mais a Federalização, porque os caras não vão federalizar uma Escola no qual o Diretório Acadêmico é da esquerda”. Ele era muito preocupado com isso. E eu disse: “Não. O senhor pode deixar que eu levo no bico, não tem problema”. E realmente eu levava. Alguns ficavam bravos comigo: “Mas tu não decides o que tu é”, e eu disse: “Não. Depois que estivermos na UFRGS aí decidimos. Até lá, vamos deixar assim”. E eles vinham aqui, insistiam. A turma de esquerda, a geologia, era muito forte, a turma da filosofia. Havia certas Universidades, certos cursos, que tinham uma força mais de esquerda, de protestar, de fazer, de ser preso, aquela coisa toda. E outros mais acomodados que vinham. Então, eles vinham aqui e eu dizia: “Não. Vamos com calma. Eu fecho com vocês, mas tem que garantir o apoio para federalizar”. E realmente o Fredolino, então diretor, estava muito preocupado. Chegava gente estranha ele já queria saber quem era. Se queria falar comigo, já me chamava e dizia: “Cuida, olha o que vais dizer, o vais fazer” e eu: “Não. O senhor não precisa de preocupar”. E também o professor Cleomar de basquete,

muito amigo nosso, apoiou: “Faz isso, aquilo, vai por aqui, por ali, que é o melhor para chegarmos lá”. Eu não acredito... Quer dizer, naquele tempo tu tinhas que acreditar em tudo. De repente, assim como eles assinaram para federalizar, eles poderiam cancelar a assinatura e dizer que não ia mais federalizar e pronto. Nós tínhamos essa preocupação. Mas a maioria da turma não estava nem aí. Eles nem se lembravam que eu havia sido presidente. Era certa alienação. E naquela época foram os anos feios da ditadura, 1968, 1969 e 1970. Eu fiz a Escola Técnica Parobé em Porto Alegre em 1965, 1966 e 1967. Então, eu peguei coisas ali... Ali fazíamos coisas para mostrar que tínhamos... Mas era de se esconder, de cavalo vir em cima. Então, eu já tinha da Escola Técnica uma vivência. Daí, quando eu vim para cá, e os caras falaram, eu disse: “Não, tudo bem”. Mas aí já em seguida o Fredolino disse para mim: “Olha aqui, vai acontecer, cuidado com o que tu diz, cuidado com o que tu faz e cuida com quem tu andas” [risos]. Realmente, depois que a coisa se concretizou ele me abraçou e disse: “Tu conduziu muito bem a coisa” e eu disse: “Eu conduzi por orientação de vocês. A minha intenção era igual a de vocês. Vamos batalhar para que se federalize”. Claro, eu disse para vocês, que havia duas coisas que impediam: essa tendência política e, ao mesmo tempo, aquela coisa da Educação Física não ser um curso superior, a pouco tempo que era, do que poderia contribuir, o que vai dar, o que não vai dar, vai ocupar o lugar da medicina, vai fazer o trabalho da medicina. Aquela história toda que sempre tinha de certo, vamos dizer assim, menos valia da Educação Física que trazemos até hoje. Eu sei porque eu sou da área, fiz aqui o meu mestrado em Psicologia do Esporte. Eu tenho mestrado em Movimento Humano⁴⁵ e fiz em Psicologia do esporte com o Benno Becker Júnior. Então, eu sei o que é isso. Eu, como psicólogo, todo mundo dizia “ohhhh” e daí eu dizia: “Mas sou professor de Educação Física também”. Daí os caras “aahhh”. Eu, por exemplo, já expliquei muitas coisas da psicologia do esporte, até testes de motivação, de sóciogramas e outras coisas que podem ser feitos pelo profissional de Educação Física, que os meus colegas da psicologia me chamaram a atenção: “Tu vai ensinar a turma de Educação Física a fazer teste? Não pode”. Mas não era de personalidade, de isso, de aquilo. Mas tem até hoje.

⁴⁴ O entrevistado atende ao telefone.

⁴⁵ Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (ESEF/UFRGS).

M.C. – E esse trâmite de tentar cuidar o que tu faz durante a Federalização, durou praticamente um ano, porque foi assinado em outubro de 1969 e só foi passado oficialmente lá em setembro de 1970. Então, foi um ano nesse período...

E.B. – Sim. Foi um ano de muitas visitas. Nós tínhamos também do nosso lado e até hoje temos o Reinaldo Salomão que era delegado de polícia e era um cara que também garantia. Estava sempre conosco. Já tinha tradição. Logo depois até ele se aposentou. Como eu disse, ele era do direito e já era delegado de polícia e era da nossa turma. Mas foi isso aí. Às vezes, tu estavas por aí e aparecia um estranho assistindo aula, de uniforme e ficava na aula. Fui passando na Unisinos também por isso nos anos 1970. Então, daqui a pouco tinha alguém na sala de aula que assistia uma aula e ia embora.

M.C. - Então, federalizou em setembro, fizeram o ato aqui no ginásio, e vocês se formaram em dezembro. De setembro a dezembro, mudou alguma coisa para vocês?

E.B. – Não. Só mudou essa, vamos dizer assim, nova característica que engrandecia a turma porque iam ser da UFRGS. Isso sim. Mas até o fim do ano o sistema antigo funcionou. Depois é que começou aquelas mudanças: a anatomia tinha que ser lá, ia ser matrícula por disciplina – senão me engano em 1972 -, daí tu fazias lá, fazias aqui, te matriculava as 10hs, as 11hs, as 9hs. Essa coisa que eu acho que, em termos de ensino, foi um prejuízo danado que para recuperar não é fácil. Mas, por outro lado, facilita para o aluno se locomover, pegar e fazer. Eu tive. No mestrado eu ficava apavorado. Eu voltei depois em 1997 para cá, bastante depois e disseram: “Tem uma aula que é das 11hs a 1h da tarde”. E eu disse: “Mas como? O que é isso? Vou passar o meio dia tendo aula? Estão ficando loucos?” [risos]. “Não. O professor só poder dar nesse horário e vai ser das 11hs a 1h da tarde”. E eu: “Então, está bem. Vamos ficar”. E na nossa época não. Era 7:15 da manhã e, se tu chegasses atrasado e sem o calção preto, camiseta física branca ou de manga branca, tu não fazias a aula. Às vezes tu botavas o agasalho, que tinha que ser azul marinho, e o professor mandava tu abaixar e tinha que estar de calção preto por baixo. Se não abaixava, dizia que tu não estavas. Ele olhava, se tu não estavas, ele te mandava embora. Então, tinha certa rigidez e que era interessante: 7:15 tu sabias que era a tal aula, 10hs saía, comia alguma coisa, e depois ia para as aulas práticas e saía daqui. Eu, por exemplo, em 1968 quando eu entrei, já dei aula. Em 1969 eu já peguei escola do Estado.

Estava no segundo ano e já peguei contrato no Estado. Então, saía daqui e ia direto para dar aula, nem almoçava. Ia almoçar as três horas da tarde, só que era no intervalo das aulas lá. Hoje, tu estás cursando aqui e não podes assumir aula em algum lugar porque tu não sabes se vais ter aula de tarde, de manhã, de noite, quando vai ser o teu horário. Nós nos acostumamos sim com esse regime que eu acho que, inclusive, fazia com que a Educação Física fosse vista com outros olhos. Depois começou a pegar as características então da Universidade Federal que era ter aula de medicina aqui, a parte de pedagogia era lá e depois que começou a ficar um pouco para cá. Mas esse impacto dessa mudança propriamente dita não pegamos nada.

M.C. – Nem em termos administrativos então?

E.B. – Nada. Inclusive, o diretor continuou sendo o Fredolino até o último ano – não sei quanto tempo que ficou depois -. Toda a estrutura ficou a mesma até o fim do ano. Depois é que começou. Aquele ano de 1971 foi um ano de muita efervescência em termos de Educação Física. Foi o primeiro ano da ESEF/UFRGS. Foi o primeiro ano que, de uma Escola de Educação Física em todo o Estado, passou a ter doze: a ESEF/UFRGS e mais onze no interior do Estado e o IPA⁴⁶ aqui que também foi criado em 1971. Então, tinha em Cachoeira, Santa Maria, Santa Cruz, Pelotas, em tudo que era lugar. Tirando o IPA e a FEEVALE⁴⁷ em Novo Hamburgo que também abriu em 1971 e é da região da Grande-Porto Alegre, das onze, sobraram nove pelo interior que se abriu. E a nossa turma começou a ir para lá, para cá. Por isso que para nos encontrarmos ficou difícil. Tinha gente em Santa Maria, em Santa Cruz, todo mundo foi se espalhando. E, como eram formados da UFRGS, eram bem valorizados. Eu fiquei na Unisinos porque, realmente, naquela época, nos anos 1970, a Unisinos era a maior Universidade particular que tinha por aqui. Era a Universidade que mais bem pagava os professores naquela época. Eu nunca me esqueço que eu recebi o convite daqui e fui calcular o que iria ganhar lá, eu disse: “Não. Vou dar aula na Unisinos” [risos]. Era a Universidade mais cara do Brasil. Eu sei porque eu estudei psicologia também, mas, em compensação, era a Universidade que melhor pagava no Brasil. Eu me matriculava em quatro ou cinco cadeiras na psicologia em 1972 e desistia de duas ou três e não ia lá resgatar dinheiro nem coisa nenhuma porque nem estava

⁴⁶ Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul.

⁴⁷ Federação de Estabelecimento de Ensino Superior.

preocupado. Hoje em dia, tu tens que tirar os centavos do fundo de volta, porque senão... Então, eu fiquei lá acolhido na Universidade que era na minha terra. Nasci e me criei em São Leopoldo. Já tinha um passado de viagens de sete ou oito anos para Porto Alegre, pelo Parobé e depois por toda a Educação Física. Saía de São Leopoldo para vir para cá 5:20 da manhã. Por isso que eu gosto de vir cedo para recordar o meu tempo. Eu pegava um ônibus que levava uma hora para chegar no centro, pegava o Jardim Botânico⁴⁸ que passeava por tudo isso aqui [risos] e me largava 7hs aqui na frente. Daí eu ia trocar de roupa e tinha aula as 7:15.

M.C. – E a formatura? A primeira turma a se formar no Salão de Atos da UFRGS.

E.B. – A formatura foi muito badalada. Foi uma festa. Minha mãe se queixa até hoje, porque – eu não sei se eu não tirei junto com a turma a fotografia ou, se tirei, não me mandaram – ela não tem uma fotografia minha de formando. Depois que eu fiz a psicologia eu dei para ela e ela disse: “Não serve. Tem que ser a tua primeira” [riso]. Mas eu não me lembro que a coisa era tanto assim. Nós nem esperávamos. Esse tipo de solenidade não tinha anteriormente.

M.C. – O senhor se lembra onde era antes a formatura?

E.B. – Não. Eu acho que era aqui. Eu não sei. Era aqui ou em alguma Sociedade. Não me lembro. Mas não era tão ritualizada em termos de fazer isso, fazer aquilo. Era uma coisa mais simples. Então, quando a UFRGS teve botar isso, botar aquilo, fazer isso, fazer aquilo, fazer discurso, a turma... Foi uma coisa significativa. Eu me lembro que naquela época eu até não queria participar da solenidade, mas os colegas e a família disseram: “Não”. Eu era casado – me casei na metade do ano, em julho de 1970 – e me formei em dezembro de 1970. Daí falaram para fazer e então eu fiz. Depois eu me lembro que acompanhei na Unisinos toda essa coisa que foi feita de a formatura ter uma solenidade, inclusive, protocolada. No início todo mundo ficava meio assim, mas depois passou a ter valor de novo. Hoje é valorizado e, inclusive, há empresas que organizam formaturas e vivem disso [riso]. Então, é porque é bom mesmo. Eu sei, porque o meu filho se formou e, realmente, é algo que toca na gente. Lá na Unisinos eu acompanhei a primeira turma que se

⁴⁸ Linha de ônibus de Porto Alegre.

formou no curso de Educação Física – acho que foi em 1989 – que eles não queriam botar toga, aquela parafernália que eles chamavam. Então, só botaram na solenidade. Quando terminou tudo e que era hora de tirar chapéu para cima, eles não tiraram somente o chapéu. Tiraram tudo e estavam de abrigo por baixo [risos]. Então, a consagração deles foi essa: mostrar que eles estavam de abrigo. Tiraram tudo, todo mundo achou bacana que estavam de abrigo. Até compraram abrigos da mesma cor para provar que o uniforme da turma da Educação Física era aquele e não o outro. Por isso que eu digo, é também essa visão da própria profissão quem temos de não se aproximar das coisas formais e de ser mais informalizado. Mas isso não significa ter menos conhecimento. Isso que eu digo para os meus alunos: “A informalidade é muito boa e, inclusive, produz conhecimento. Mas temos que cuidar que, se nos afastarmos muito do formal, nos esquecemos onde estamos, o que somos. Então, temos que ter muito cuidado”. Mas foi um episódio interessante esse da parte política. O Cacique que eu não tenho falado com ele – aliás, eu nunca falei – porque essa turma, depois de dez anos, começou a se reunir. E sempre que eles marcavam, eles diziam que eu não queria vir. Eu sempre dizia para eles: “Não. Eu faço questão”. Mas eles sempre marcavam na quinta ou na sexta-feira de noite em dezembro e antes do natal. Era a época dos exames na Unisinos. Então, eu dava aula todas às noites e nunca pude ir. Depois de trinta anos sem vir eles passaram para um sábado e eu disse: “Agora eu posso ir”. Então, não era eu ir ou não ir. Eles que trocaram o dia. Teve alguns até que fizeram resistência de que sábado não era dia, aquela coisa toda. Daí eu passei a ser da comissão organizadora. Sábado, vamos ter outro almoço, agora da comissão organizadora, lá em São Leopoldo. Vão lá almoçar comigo, porque eu passei a ser da comissão.

M.C. – Então, gostaríamos de agradecer a sua entrevista e dizer que foi de importante contribuição.

E.B. – O que precisar, estamos aí.

M.C. - E fica aberto se o senhor quiser falar mais alguma coisa...

E.B. – Eu só acho que a iniciativa de vocês e da própria Escola de valorizar isso, essa memória, que não é tradição cultural nossa, principalmente no ensino. Eu falo muito isso: quando começamos a estudar a epistemologia da própria ciência nós vemos o valor que

tem que dar para esse passado, para aquela criança. Eu, da área da psicologia, digo o seguinte: tu te especializas em adulto ou velho, mas, se tu não conheces a criança, tu não consegues entender eles. Então, essa parte toda, essa coisa de teres um estudo mais aprofundado do que é e do que não é, é interessante. Lá na Unisinos nós estamos resgatando também, porque a Unisinos vai fazer 25 anos de curso de Educação Física. Daí então eles querem resgatar alguma coisa e as instalações já possuem 30 anos. Então, já tem certa tradição. Eles não têm essa preocupação. Eu acho importante. Vocês viram como ficamos numa felicidade danada de fazer o encontro. Eu acho que a iniciativa de vocês é muito boa. Amanhã ou depois vai ter, até em termos de comparação. Eu acho ótimo. Acho até que poderia ser levado, quem sabe, para uma coisa mais pedagógica, para uma coisa mais, vamos dizer, de comparação. Do que fazia o profissional naquela época, o que ele dava aula naquela época e o que ele dá aula hoje. Essa mudança com as academias, o próprio bacharelado que está aí. Têm alguns que não acreditam, outros que acreditam, alguns que querem, outros que não querem. Eu, particularmente, acho que é tudo uma coisa só. Tu és educador tanto numa academia quanto no clube quanto na escola. Mas tudo bem. Pode ser que o ciclo se feche de novo e nós vamos... Mas tem aquela confusão de licenciatura curta e plena, e bacharelado e isso, e aquilo. Agora está entrando também, que eu acho que tem certa validade até maior do que o próprio bacharelado, o tecnólogo. Eu acho que na Educação Física cabe. Nós temos que começar a pensar que de repente se não é um tecnólogo, não tem, vamos dizer assim, na sociedade não tem mais colocação que o próprio licenciado, graduado. Daí tu vais ter lugar onde botar esses que vem para cá e querem trabalhar só com futebol, só com musculação. Então, teria esse tecnólogo que vai trabalhar nisso. Depois volta a se aperfeiçoar, a buscar mais conhecimento em outras áreas.

[FINAL DO DEPOIMENTO]